

CONDESSA DE SÉGUR

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
3.º ano

OS DESASTRES DE SOFIA

Prefácio da escritora
Carla Maia de Almeida



Índice

Prefácio

— 9 —

Dedicatória

— 13 —

I

A boneca de cera

— 15 —

II

O enterro

— 23 —

III

A cal

— 26 —

IV

Os peixinhos

— 30 —

V

O frango preto

— 37 —

VI

A abelha

— 42 —

VII

O cabelo molhado

— 48 —

VIII

As sobrancelhas rapadas

— 53 —

IX

O pão dos cavalos

— 56 —

X

As natas e o pão quente

— 62 —

XI

O esquilo

— 67 —

XII

O chá

— 78 —

XIII

Os lobos

— 91 —

XIV

A cara arranhada

— 98 —

XV

Isabel

— 106 —

XVI

As frutas cristalizadas

— 110 —

XVII

O gato e o pisco

— 125 —

XVIII

A caixa de costura

— 137 —

XIX

O burro

— 146 —

XX

O carrinho

— 173 —

XXI

A tartaruga

— 185 —

XXII

A partida

— 195 —

Prefácio

Conhecer, observar e deduzir

Se tivéssemos de resumir numa frase a personalidade de Sofia, talvez fosse esta: «Mas é tão aborrecido obedecer!» Eis uma declaração de liberdade que devia estar consagrada em qualquer carta dos direitos da criança.

Hoje, como há 160 anos, quando *Os Desastres de Sofia* viram a sua primeira edição em França (1858), acreditamos que as crianças continuam a ser essencialmente as mesmas no que respeita à vontade de experimentar o mundo através dos sentidos. Atualmente, apesar de cercadas (e porque não dizê-lo: sitiadas) por infindáveis estímulos tecnológicos, o seu espírito nasce livre, criativo e ansioso por descobrir tudo o que as rodeia.

Com quatro e cinco anos, respetivamente, os primos Sofia e Paulo, companheiros de brincadeiras (ora protetores, ora competitivos, mas sempre cúmplices), encontram-se no auge dessa

fase de descoberta. Contudo, é a persistente desobediência de Sofia que está na origem dos ditos «desastres», expressão algo irónica da Condessa de Ségur (1799-1874) para classificar as tropelias e invenções da protagonista, extraíndo daí um maior efeito cómico.

Nesse aspeto, pode dizer-se que a autora não dá descanso ao leitor. As divertidas peripécias que ocorrem da primeira à última página sucedem-se a um ritmo alucinante, mas o seu mérito não está em provocar o sorriso fácil e paternalista de uma certa literatura infantojuvenil. Trata-se antes de um riso espontâneo, quase nervoso, perante o desfecho e mesmo pela antecipação da catástrofe inevitável.

Desde o episódio do enterro da boneca, rapidamente transformado em alegre celebração da vida, até ao banho no tanque da pacata tartaruga, a intenção é sempre idêntica e comum a todas as crianças: testar os limites impostos pelos adultos. Quando não há brinquedos ou animais que lhe resistam, Sofia faz experiências em si, rapando as sobrancelhas ou comendo o pão destinado aos cavalos, num desejo irreprimível de provar o fruto proibido.

Graças à sua compreensão instintiva da psicologia infantil, num tempo em que o próprio conceito de «criança» começava a ser explorado, o sucesso dos livros da Condessa de Ségur foi imediato e imparável. Entre 1857 e 1874, assinou duas dezenas de volumes para a coleção *Bibliothèque Rose Illustrée*, tornando-se numa das escritoras mais influentes da literatura infantojuvenil. De origem russa, aristocrática, o seu verdadeiro

nome era Sophie Rostopchine, tendo adquirido a nacionalidade francesa por casamento. Como era habitual na sua classe social, a língua de Napoleão foi-lhe ensinada desde cedo, não carecendo de ser traduzida do russo.

Tal como grande parte dos Clássicos da literatura universal, a obra da Condessa de Ségur chegaria a Portugal na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1872, numa coleção da livraria Aillaud & Bertrand que adotou igual designação: Biblioteca Rosa Ilustrada. Depois do primeiro título publicado, *Que Amor de Criança*, seguiram-se *As Meninas Exemplares*, *As Férias*, *O Mau Conselheiro* e *Memórias de Um Burro*. *Os Desastres de Sofia* vieram à estampa em 1889, conhecendo desde então várias traduções e adaptações, incluindo para a célebre Coleção Azul, já no século XX.

A presente tradução, diretamente vertida do original em francês, vem enriquecer a sequência de clássicos da literatura infantojuvenil editados pela Fábula. *Os Desastres de Sofia* continuam a ser lidos e a despertar curiosidade, não apenas por nostalgia das gerações anteriores. Apesar de algumas vozes críticas se insurgirem contra uma certa simplicidade da linguagem e até um lado menos «politicamente correto», cremos que tal não constitui obstáculo à fruição dos leitores mais novos. Pelo contrário: terão a surpresa de contactar com uma espécie de mundo extinto onde se fala de bonecas de cera, caixas de costura, ferros de frisar o cabelo, lobos na floresta, pão barrado com natas frescas e outros anacronismos.

Num ambiente doméstico situado entre a casa apalaçada e o espaço circundante — bosques e jardins —, as crianças desta história crescem com uma liberdade e uma criatividade que quase já não existem, inventando mil e uma maneiras de se divertirem. Sem fugir à moral da época, pois estamos perante uma novela de costumes, são ensinadas a distinguir o bem do mal e a entender que pior do que causar «desastres» é ocultá-los.

Quantas «Sofias» que hoje conhecemos não diriam o mesmo que esta personagem teimosa e endiabrada: «Mas é tão aborrecido obedecer!»

Carla Maia de Almeida

À minha neta

Élisabeth Fresneau

Querida menina, dizes-me tantas vezes: «Oh! Avozinha, como gosto de si! É tão boazinha!» Mas a avó nem sempre foi boazinha e, como ela, há muitas crianças que em tempos foram endiabradas e depois se emendaram. Aqui encontrarás as histórias verdadeiras de uma menina que a avó conheceu quando era pequena. Tinha mau génio e tornou-se doce; era gulosa e tornou-se moderada; era mentirosa e tornou-se sincera; era ladra e tornou-se honesta; enfim, era malcomportada e tornou-se muito boazinha. A tua avó tentou fazer o mesmo.

Sigam-lhe o exemplo, meus amores; para vocês, que não têm os defeitos de Sofia, será fácil.

Condessa de Ségur,
nascida Rostopchine.

A boneca de cera

— **A** ma, depressa, depressa — disse Sofia certo dia, correndo ao quarto —, venha ajudar-me a abrir uma caixa que o papá me mandou de Paris. A mim, parece-me que é a boneca de cera que ele me prometeu!

A AMA

Onde está a caixa?

SOFIA

Lá dentro. Venha depressa, por favor!

A ama pousou a costura e seguiu Sofia. Havia uma caixa de madeira branca pousada numa cadeira. A ama abriu-a. Sofia viu os cabelos louros e encaracolados de uma linda boneca de

cera, soltou um grito de alegria e quis logo pegar na boneca, ainda embrulhada em papel.

A AMA

Cuidado! Não a puxe assim, vai parti-la. A boneca está presa por cordéis.

SOFIA

Parta-os, arranque-os! Depressa, por favor, que quero a minha boneca.

A ama, em vez de puxar e repuxar, pegou na tesoura, cortou os cordéis e desembrulhou os papéis, e Sofia já pôde pegar na boneca mais linda que jamais vira. Tinha as faces rosadas, com covinhas; os olhos azuis e brilhantes; o pescoço, o peito, os braços de cera, encantadores e rechonchudos. O vestido era muito simples, de cambraia recortada, com um cinto azul. Calçava meias de algodão e sapatinhos de verniz preto.

Sofia deu-lhe mais de vinte beijinhos e, com a boneca nos braços, desatou a saltar e a dançar. O seu primo Paulo, que tinha cinco anos e se encontrava de visita em casa de Sofia, acorreu aos gritinhos de alegria que ela dava.

— Paulo, vê só que linda boneca o meu papá me mandou!
— exclamou a menina.

PAULO

Dá-ma cá, para eu a ver melhor.

SOFIA

Não, vais parti-la.

PAULO

Garanto-te que a seguro bem. Eu devolvo-ta logo a seguir.

Sofia passou a boneca ao primo, recomendando-lhe mais uma vez que a segurasse bem para que não a deixasse cair. Paulo virou-a, viu-a de todos os lados e depois devolveu-a a Sofia, a abanar a cabeça.

SOFIA

Mas porque é que estás a abanar a cabeça?

PAULO

Porque essa boneca não é sólida. Acho que vais acabar por parti-la.

SOFIA

Oh! Não te preocupes, vou ter tanto cuidado que nunca hei de deixar que se parta. Vou pedir à mamã para convidar a Camila e a Madalena para almoçar, para lhes mostrar a minha linda boneca.

PAULO

Elas vão partir-te a boneca.

SOFIA

Não, elas são muito boazinhas, não iam dar-me o desgosto de partir a minha pobre bonequinha.

No dia seguinte, Sofia penteou e vestiu a boneca, porque as amigas iam visitá-la. Enquanto a vestia, achou-a pálida. «Se calhar», pensou, «está com frio, tem os pés gelados. Vou pô-la um bocadinho ao sol para que as minhas amigas vejam como cuido bem dela e a mantenho quentinha.» E foi pôr a boneca ao sol, à janela da sala.

— Que estás a fazer aí à janela, Sofia? — perguntou-lhe a mãe.

SOFIA

Vim aquecer a minha boneca, mamã. Parece-me que ela está cheia de frio.

A MÃE

Cuidado, que se derrete.

SOFIA

Oh, não, mamã! Não há perigo, ela é dura como madeira.

A MÃE

Mas o calor vai fazê-la amolecer e vai estragar-se, estou a avisar-te.

Sofia não deu ouvidos à mãe e deixou a boneca demasiado tempo ao sol, que estava muito forte.

Nesse instante, ouviu o barulho de um carro: eram as amigas que chegavam! Correu ao encontro delas e Paulo já as recebia junto ao portão. Entraram na sala a correr, todas a falar ao mesmo tempo. Apesar da impaciência que tinham por ver a boneca, começaram por dar os bons-dias à senhora de Réan, a mãe de Sofia. Em seguida, voltaram-se para a amiga, que pegara na boneca e a mirava com um ar desgostoso.

MADALENA

(a olhar para a boneca)

A boneca é cega, não tem olhos!

CAMILA

Que pena! É tão bonita!

MADALENA

Mas como é que ficou cega? Devia ter olhos...

Quanto a Sofia, nada dizia. Só olhava para a boneca e chorava.

SENHORA DE RÉAN

Eu avisei-te, Sofia, que a boneca ia estragar-se se insistisses em deixá-la ao sol. Por sorte, a cara e os braços não tiveram tempo de derreter. Vá, não chores mais. Eu sou uma médica muito competente, talvez consiga arranjar-lhe os olhos.

SOFIA
(a chorar)

Não é possível, mamã, desapareceram!

A sorrir, a senhora de Réan pegou na boneca, abanou-a e ouviu-se qualquer coisa a chocalhar na cabeça.

— São os olhos que fazem este barulho — disse a senhora de Réan. — A cera derreteu-se à volta dos olhos e eles caíram. Mas eu vou tentar recuperá-los. Dispam a boneca, meninas, enquanto eu preparo os instrumentos para a operação.

As três meninas e Paulo precipitaram-se sobre a boneca para a despir. Sofia já não chorava; esperava com impaciência, sem saber o que ia acontecer.

A mãe voltou, pegou na tesoura e desfez a costura que ligava a cabeça ao corpo da boneca. Os olhos, que estavam na cabeça, caíram-lhe nos joelhos. Ela pegou-lhes com pinças, pô-los no sítio certo e, para impedir que voltassem a cair, deitou-lhes um pouco de cera derretida que tinha trazido numa caçarola. Esperou uns instantes para que a cera arrefecesse e depois tornou a coser o corpo à cabeça.

As meninas não se tinham mexido. Sofia observava, receosa, todas aquelas operações, com medo de que não corressem bem; mas quando viu a sua boneca arranjada e tão bonita como antes, de um pulo agarrou-se ao pescoço da mãe e deu-lhe muitos beijinhos.

— Obrigada, querida mamã — disse ela. — Muito obrigada. Para a próxima, vou dar-lhe ouvidos.

Vestiram rapidamente a boneca, sentaram-na numa liteirinha e levaram-na a passear em triunfo, cantando:

— *Viva a mamã! Vamos dar-lhe um grande beijinho. Viva a mamã! Ela é o nosso anjinho.*

A boneca durou assim muito tempo, bem cuidada e querida; mas, a pouco e pouco, foi perdendo os seus encantos. Vejamos como.

Certo dia, Sofia pensou que seria boa ideia dar banho às bonecas, tal como se dá banho às crianças. Arranjou água, uma esponja e sabonete, e pôs-se a lavar a boneca; lavou-a tão bem que lhe tirou toda a cor: as faces e os lábios ficaram pálidos como se ela estivesse doente, e já não recuperaram a cor. Sofia chorou, mas a boneca continuou pálida.

Noutra ocasião, Sofia achou que devia frisar-lhe o cabelo. Para isso, pôs-lhe papelotes e passou-os com um ferro quente, para que o cabelo ficasse bem frisado. Quando lhe tirou os papelotes, tirou também o cabelo. O ferro estava demasiado quente e a menina tinha queimado o cabelo da boneca, que acabou careca. Sofia chorou, mas a boneca continuou careca.

Noutro dia, Sofia, que se preocupava muitíssimo com a educação da sua boneca, quis ensiná-la a fazer ginástica. Suspendeu-a por uma fita pelos braços. A boneca, que não estava bem segura, caiu e partiu um braço. A mãe de Sofia tentou consertá-la, mas, como faltavam pedaços e foi preciso derreter bastante cera, o braço ficou mais curto do que o outro. Sofia chorou, mas o braço continuou mais curto.

De outra vez ainda, Sofia achou que faria bem à sua boneca pôr os pés de molho, já que fazia bem aos crescidos. Deitou água a ferver numa bacia e lá mergulhou os pés da boneca. Quando a tirou de lá, os pés tinham-se derretido e ficaram dentro da bacia. Sofia chorou, mas a boneca continuou sem pés.

Depois de tantos desastres, Sofia deixou de gostar da boneca, que se tinha tornado medonha e que se tornara alvo de troça das suas amigas. Por fim, numa última ocasião, Sofia quis ensinar a boneca a trepar às árvores. Então, fê-la subir a um ramo e sentar-se, mas a boneca, que estava mal segura, caiu, bateu com a cabeça nas pedras e partiu-se em mil pedaços. Sofia não chorou — em vez disso, convidou as amigas para o enterro da boneca.

II

O enterro

Camila e Madalena chegaram pela manhã para o enterro da boneca. Elas estavam encantadas, e Sofia e Paulo não pareciam menos contentes.

SOFIA

Venham depressa, amigas, estávamos à vossa espera para enterrar a boneca.

CAMILA

Mas onde é que vamos metê-la?

SOFIA

Tenho uma velha caixa de brinquedos que a minha ama forrou com percal cor-de-rosa. Ficou muito bonita, venham ver.

As pequenas correram até ao quarto da senhora de Réan, onde a ama estava a terminar o travesseiro e o colchão que ia pôr na caixa. As crianças admiraram aquele lindo caixão. Depois olharam para a boneca e, para que não se visse a cabeça partida, os pés derretidos e o braço aleijado, taparam-na com uma mantinha de tafetá cor-de-rosa.

Colocaram o caixão num andor que a senhora de Réan tinha mandado fazer. Todas queriam levá-lo; mas era impossível, pois só havia espaço para duas. Depois de alguns empurrões e de bastante discussão, ficou decidido que seriam Sofia e Paulo, os mais pequenos, a levar o andor, enquanto Camila e Madalena seguiriam, uma à frente e outra atrás, com um cesto de flores e folhas para deitarem na cova.

Quando a procissão chegou ao pequeno jardim de Sofia, pousaram no chão o andor com o caixão que continha os restos da triste boneca. Todas as crianças ajudaram a cavar a cova e ali depositaram o caixão, deitando por cima as flores e as folhas, mais a terra que tinham retirado. Depois, alisaram tudo em redor e plantaram dois lilases. Para terminar, correram ao tanque e encheram os seus regadores para regarem os lilases. Isto deu ocasião a novas brincadeiras e a risota, porque começaram a regar as pernas uns dos outros entre risos, correrias e gritinhos. Nunca se tinha visto um enterro tão alegre. É verdade que a defunta era uma velha boneca, descorada, careca, sem pés e sem cabeça, da qual já ninguém gostava e pela qual ninguém chorava. O dia acabou alegremente e, quando Camila e Madalena se foram

embora, pediram a Paulo e a Sofia que partissem outra boneca para poderem fazer outro enterro tão divertido como aquele.

Um clássico da literatura infantojuvenil que tem conquistado várias gerações de leitores.

A Condessa de Ségur começou a escrever tarde, mas não deixa por isso de ter um lugar importante na história da literatura. Desde o século XIX que os seus livros são lidos por crianças do mundo inteiro.

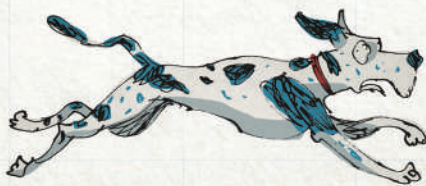
O que este livro tem de divertido e enternecedor está no facto de nos dar a ver a liberdade, a ousadia e a bondade de Sofia. Esta menina tem uma imaginação prodigiosa que a leva a inventar, experimentar e criar constantemente. Os passeios pela natureza, o contacto com os animais ou as tardes livres sem nada para fazer são ocasiões perfeitas para ela dar largas à sua natural e saudável curiosidade por tudo o que a rodeia.

Os desastres sucedem-se, e de todos Sofia tira uma lição. Tal como ela aprende com os erros, também os jovens leitores poderão aprender com os divertidos sarilhos em que ela se mete.

«Num ambiente doméstico situado entre a casa apalaçada e o espaço circundante — bosques e jardins —, as crianças desta história crescem com uma liberdade e uma criatividade que quase já não existem, inventando mil e uma maneiras de se divertirem.»

in Prefácio de Carla Maia de Almeida

A **Colecção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 imagina descobre voa	ISBN 978-989-707-939-9  9 789897 079399
20 20 editora	9+ Literatura Juvenil